

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA

Desenhos denunciam crimes

Trabalhos escolares feitos por crianças reproduzem cenas de agressões ocorridas na rua e até mesmo dentro da própria casa

AD 22254-1
Érica Vaz

Em uma folha de papel, um menino de 6 anos de idade usa lápis de cera para desenhando um boneco de semblante triste e cheio de manchas vermelhas. "É a minha mãe. Ela fica assim quando meu pai bate nela", responde a criança, diante da curiosidade da professora.

É assim, com traços fortes e tons escuros, que muitas crianças descrevem a própria realidade, passando para o papel o que ainda nem conseguem verbalizar: a violência nas ruas e dentro de casa.

A reportagem de **A Tribuna** ouviu mais de 20 educadores que atuam em escolas públicas das redes municipal e estadual em bairros com alto índice de criminalidade. Nos relatos dos professores, dezenas de casos de crimes retratados em trabalhos escolares.

"Os desenhos não têm muita vida, às vezes são só rabiscos pretos. Para entender o que significam, é preciso estimular o aluno a falar sobre coisas que ele preferiria esquecer", afirmou uma professora de 38 anos, que leciona em Vila Velha para crianças de 3 a 5 anos.

Segundo Guiomar Sessa Gobbi, diretora de uma creche em Vila Velha, a presença de armas e sangue nos desenhos era tão comum entre os trabalhos feitos pelos alunos no ano passado que a escola fez um evento especial para tratar da violência com as crianças.

"Fizemos até passeata na escola, estimulando a cultura de paz, a valorização da amizade. É preciso um trabalho para que isso não fique no imaginário deles e



EXECUÇÃO

Sem perdão

O desenho ao lado, feito por um aluno do ensino fundamental, retrata os homicídios que ocorrem no bairro onde mora. "Há referência a um filme violento, mas outros elementos indicam que essa morte retrata um típico caso de execução, no qual não existe defesa nem perdão", disse a psicóloga Cláudia Calil.

não os influenciem de maneira negativa", explicou a diretora.

Os casos de agressões contra a própria criança também aparecem com frequência nos desenhos. "Eles retratam brigas e espancamentos em casa", disse outra professora, de 33 anos.

Nesses casos, os pais são chamados para conversar na escola. Se a situação não muda, o Conselho Tutelar é acionado.

"Havia um aluno que só desenhava o banheiro da casa. Era onde a mãe dele o deixava de castigo, por horas sem comer. Outro só rabiscava o papel de preto: era a escuridão onde era trancado, sem luz, no quarto, por um avô", cita a professora: "Essas crianças acabam crescendo acostumadas com a violência."

Psicóloga descobre até estupros

O desenho feito por uma criança esconde inúmeros significados, presentes em pequenos detalhes. Um olhar mais atento é capaz de revelar situações que podem afetar a criança de forma negativa.

E o trabalho de analisar esses pormenores é realizado pela psicóloga Cláudia Calil, perita da

Vara Criminal responsável em descobrir, por meio do comportamento e dos desenhos, se uma criança foi vítima de violência.

"Um adulto consegue verbalizar o que está acontecendo com ele, mas a criança, não. Por isso os desenhos são tão importantes. Às vezes, é o único meio de a

criança contar o que está acontecendo com ela", explicou a psicóloga, que coleciona cerca de 5 mil ilustrações feitas por crianças.

A reportagem de **A Tribuna** obteve alguns desenhos feitos por alunos do ensino fundamental de Vila Velha no ano passado. Para preservar a identidade das crianças, a escola e a professora que cederam os trabalhos não estão sendo identificados.

Segundo Cláudia, as ilustrações são semelhantes aos dos seus pacientes. "A maioria fala de ameaças e de morte." De acordo com ela, crianças vítimas de violência podem sofrer um Transtorno de Ansiedade da Separação:

"Esse transtorno é caracterizado pelo medo de ficar sem os pais, de morrer. Isso causa uma ansiedade prejudicial na criança, que retrata o medo com desenhos."



KADIDJA FERNANDES/AT

A PSICÓLOGA CLÁUDIA CALIL analisa os detalhes dos desenhos feitos pelas crianças e diz que elas descrevem com imagens o que não conseguem verbalizar

ARMADA COM FACA

Fugindo da ameaça

Neste desenho, a psicóloga Cláudia Calil chama a atenção para a presença de uma árvore que separa um homem de uma mulher armada com uma faca.

"É um desenho feito por alguém

que já precisou fugir ou tenta fugir das agressões, como em casos de violência que a criança presencia ou é vítima", explicou.



Meninos brincam de "chefões"

Se no passado as crianças gostavam de brincar de "polícia e ladrão", hoje o que faz a cabeça de alguns deles é imitar os chefões que controlam o tráfico de drogas nos bairros onde moram.

"Cansei de ver, no horário do recreio, grupos de meninos simulando o tráfico e seus personagens. Há o chefe, o viciado, os vapores (menores que vendem drogas), e até o X-9 (o delator)", explicou uma professora de 33

anos que atua em um dos bairros mais violentos de Vila Velha.

Segundo ela, os meninos que gostam dessa brincadeira são interrompidos e chamados para conversar com os professores.

Mas, para agravar a situação, a escola fica entre duas bocas de fumo. Volta e meia, o ambiente fica impregnado com cheiro de maconha. "Infelizmente, é com essas referências que as crianças crescem. Eles usam gírias de tra-

ficantes que nem os adultos reconhecem. A gente conversa, explica que é errado, mas eles esquecem e voltam a reproduzir esse comportamento", lamentou.

A imitação de arma também faz parte das brincadeiras.

"Quando a gente chama a atenção, eles apontam o dedo, imitando um revólver e fazendo barulho de tiro. Isso é muito comum", contou uma pedagoga do bairro Flexal, em Cariacica.

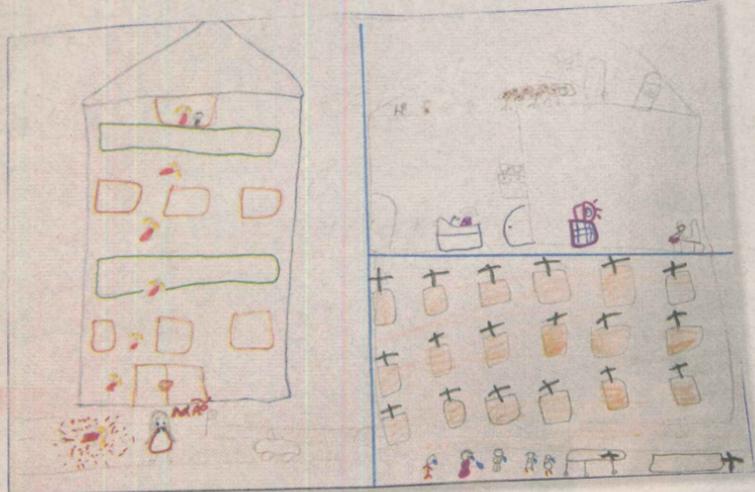
Reportagem Especial

DEPOIS DE TRAGÉDIAS

Morte por queda e perda do avô

No desenho do aluno que perdeu o avô e, tempos depois, presenciou a morte de um amigo que caiu de um prédio, vê-se muitas pessoas chorando, sangue e cruzeiros represen-

tando um cemitério. "Lidar com a morte não é fácil. Ainda mais se for uma perda bruta. Essa criança tem muito medo", afirma a psicóloga Cláudia Calil.



VIOLÊNCIA NA INFÂNCIA

Vítimas de abuso relatam drama

Aliada à barreira da denúncia, o trabalho da polícia contra a pedofilia e os maus-tratos a crianças esbarram na dificuldade para a produção de provas quando não há testemunhas do crime ou a criança é a única fonte de informações.

A vergonha e o medo de represálias fazem muitas vítimas de abuso sexual se calarem, deixando impunes criminosos que, na maioria dos casos, convivem diretamente com a criança.

Para mudar essa realidade, na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), em Vitória, as crianças vítimas de abuso sexual são estimuladas a falar sobre o trauma por intermédio de desenhos e de brincadeiras.

Para isso, a delegada Fabiane Coutinho não economiza nas canetas coloridas, chocolates, balas e brinquedos para tornar o processo menos doloroso.

"Temos três investigadores que têm muito jeito com crianças e conquistam a confiança delas com facilidade. Mas há casos extremos, como quando a criança é muito pequena ou retraída. Aí elas não falam mesmo", admite.

Nesses casos, elas são encami-

nhadas ao Programa de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), que faz um trabalho mais complexo e demorado com a criança. "Tem algumas que demoram até três meses, após a denúncia, para começar a relatar algo. É um trabalho de paciência e carinho com a criança."

Os desenhos feitos pelas vítimas não são anexados aos processos, mas são relatados ao juiz que vai julgar o caso. Outra diferença é a forma de abordagem sobre o crime. "É preciso falar de uma forma que eles entendam, para contar com precisão o que aconteceu. Crianças pequenas não reconhecem nomes de órgãos genitais, por exemplo", ressaltou.



FABIANE: doces e brinquedos



ESCOLA NO BAIRRO CIDADE DE DEUS, onde 60 crianças ficaram sem aulas após a morte de um traficante

Violência muda comportamento

A exposição de crianças aos conflitos da violência urbana, como disputas do tráfico de drogas e operações policiais, deixam os menores mais agressivos e inseguros. A violência altera não somente a rotina dos alunos como o comportamento deles com os colegas e professores.

A reportagem de **A Tribuna** esteve na última semana no bairro Padre Gabriel, em Cariacica, onde mais de mil alunos ficaram dois dias sem aulas após a morte de um traficante dentro de um presídio, em Viana.

"Alguns alunos que ficaram na rua com os pais durante a manifestação relataram a situação com euforia. Um chegou a narrar como o pai foi preso após queimar um pneu. Já outros que ficaram trancados dentro de casa estavam muito assustados e não tocaram no assunto", contou uma profes-

sora que atua no bairro.

De acordo com ela, os conflitos nos bairros deixam os alunos em "pé de guerra" também. "Eles não têm paciência. Bateu, levou. Prevalece a intolerância. É muito difícil mudar isso, é cultural. Eles reproduzem o que veem dentro de casa e no bairro", disparou.

Em menos de cinco meses, esse foi o segundo toque de recolher que paralisou atividades escolares em bairros na Grande Vitória. Em novembro passado, 60 crianças que estudam no bairro

Cidade de Deus, em Vila Velha, ficaram sem aulas após os traficantes decretarem luto por causa da morte de um traficante.

Além da agressividade, há outros sintomas, como baixo rendimento escolar e saúde debilitada.

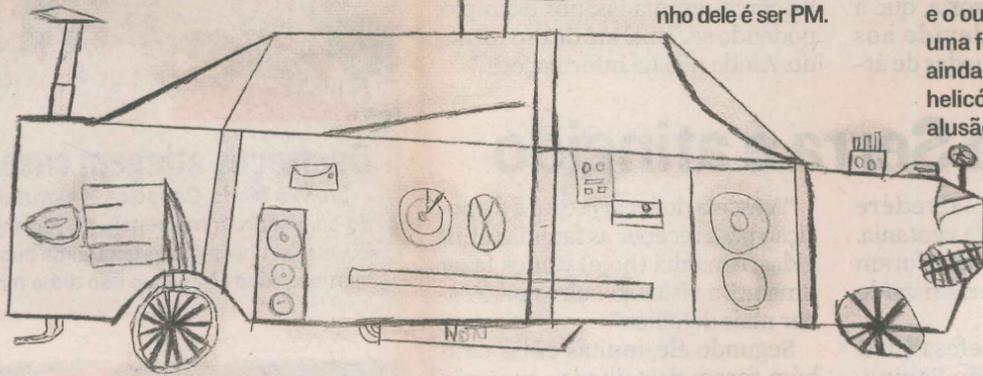
"Estão sofrendo de insônia muito cedo. Alguns ficam apáticos, sofrem com queda de cabelo. Passam a ter medo de tudo, são inseguros. O rendimento escolar é muito aquém do que era esperado na idade deles", lamentou uma professora.

CARRO DE POLÍCIA

Sonho de ser policial

O desenho de radiopatrulha foi feito por um aluno do ensino fundamental, estudante de uma escola pública de Vila Velha. De acordo com a professora, o sonho dele é ser PM.

Ele desenhou um carro que seria uma radiopatrulha (imagem ao lado). Acima, há a representação de dois homens, sendo que um deles está armado e o outro parece usar uma farda. O aluno ainda desenhou um helicóptero, fazendo alusão a uma operação da PM que aconteceu no seu bairro.



ATENÇÃO AOS DESENHOS

Imagens devem ser analisadas

- > **CORES:** geralmente são tons escuros e traçados de maneira forte e agressiva.
- > **AUSÊNCIA:** a falta de determinadas figuras, como as dos pais e irmãos mais velhos, ou a representação dele de forma reduzida. Alguns não conseguem desenhar a si próprio ou a família.
- > **REPETIÇÃO:** a criança costuma desenhar o mesmo cenário e a mes-

ma situação diversas vezes.

- > **MUTILAÇÃO:** desenho de figuras conhecidas sem cabeça ou sem alguma parte do corpo.
- > **MORTE:** bonecos com asas, cruzeiros e pessoas chorando. Há várias formas de a criança representar o medo da perda ou até de morrer.
- > **ARMA:** presença de armas de fogo e facas, além de rabiscos vermelhos indicando sangue e crime.

Pais ausentes viram heróis

A ausência da figura paterna dentro de casa faz com que muitas crianças se recusem a desenhar a família no papel. Ou, quando desenham, fantasiam. Fogem da realidade de que seus pais estão mortos ou presos.

Na ponta do lápis, eles viram super-heróis para as crianças.

"É muito triste, mas, em comunidades onde a criminalida-

de é alta, a maioria das crianças vivem só com a mãe ou com os avós. Eles são muito carentes de uma figura masculina, a ponto de um aluno meu chamar o vigia da escola de pai", contou a diretora de uma creche de Cariacica.

Outra aluna, cujo pai está preso, adora contar histórias sobre o pai, a quem não pode ver: "Ela falava tanto do pai que

até perguntei à mãe dela sobre ele. Só aí descobri que ele estava preso. Falar dele era uma forma que ela encontrou de suprir a ausência."

Os que lidam com essa ausência com mais tristeza, ao desenharem o pai, colocam-no isolado em um canto da folha ou em tamanho pequeno. "É como eles se sentem com a sensação de abandono", explica a diretora.